Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2461unse

ANO XXIV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1948 — N. 6

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Fim dos Tempos . . . . . *Redação*
A Verdade Profética . . . . . *J. B. Chagas*
A Obra de Geley . . . . . *Ismael Gomes Braga*
A Espiritualização do Mundo . . . *Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . . *Amadeu Santos*
Uma Data que é Símbolo de Fraternidade — 13 de Maio . . . . *Nabor da Graça Leite*
O Conhecidíssimo Homem . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Espiritismo e Cristianismo . . . . *Carlos Imbassahy*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1948 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

FIM DOS TEMPOS...

NÃO precisamos ser profetas para afirmar que estamos no limiar de grandes acontecimentos. As notícias que nos chegam de todos os cantos do globo através da imprensa e do rádio são bem claras e positivas para admitirmos a deflagração de nova e pavorosa guerra que, desta feita, não deixará pedra sôbre pedra que não seja derribada.

Os homens responsáveis pelo bem-estar da humanidade não conseguiram e jamais conseguirão estabelecer a paz no mundo enquanto defenderem com unhas e dentes os seus interesses pessoais e os seus pontos de vista ideológicos, de fundo exclusivamente materialista, ainda que se afirmem cristãos.

A absoluta falta de compreensão entre eles reside nos seus interesses materiais, no domínio do comércio, e não propriamente nesta ou naquela idiologia, porque, para eles, idiologia boa é aquela que não põe em cheque os seus interesses materiais. De outra maneira não podemos compreender os motívos imperiosos que impedem a conclusão da paz com a normalização da situação mundial, que, dia a dia vai se tornando mais precária, mais confusa.

Na sua ânsia de domínio total, as facções em litígio perderam até o senso comum, não trepidando em jogar no abismo da desgraça a humanidade inteira. Porventura não pensaram os homens, nem mesmo ligeiramente, que uma nova guerra dirigida pelos modernos processos de extermínio total, atingirá a eles próprios, reduzindo-os a farrapos humanos, física, moral e espiritualmente? E as suas religiões não conseguiram orienta-los de acôrdo com os preceitos evangélicos, que têm por fundamento o amor do próximo?

Disso podemos deduzir que os homens calcaram lamentavelmente aos pés os ensinos de Jesus Cristo e criaram ideologias destinadas a acobertar os seus propósitos personalistas, unilaterais, mais a serviço de uma raça do que da humanidade. E haverá ideologia mais perfeita, tanto na sua finalidade como na prática, do que a Doutrina do Meigo Rabí da Galiléia? Pensamos que não. E damos a mão à palmatoria se alguem nos provar que existe uma ideologia mais perfeita do que a Doutrina do Cristo.

Mas, porque então os homens não seguem essa ideologia? Certamente porque não querem renunciar os bens terrenos e as suas comodidades. Preferem o orgulho que avilta o espírito do que a humildade que o exalta. Não querem ser servos dedi-

cados dos seus irmãos, que importa em ser servo de Deus, o posto mais alto que devemos realmente almejar, mas senhores, e senhores impiedosos, mandões e dominadores, que não querem para si o que fazem aos seus semelhantes.

Já dissemos e repetimos que o Evangelho é a palavra de ordem e o estatuto de todos os empreendimentos humanos. Porisso que as nações, ao participarem de uma *mesa redonda* para discutirem assuntos de magna importância para o bem estar coletivo, devem orientar as suas atitudes segundo o espírito do Evangelho. Assim sendo, não haverá dissenções e nem obstáculos que não sejam removidos. A paz desfraldará a sua bandeira branca no mundo e o espírito do cristianismo assentará a sua cátedra em todos os corações.

Mas isto parece que tão cedo não acontecerá, porque os homens teimam em fazer prevalecer os seus interesses pessoais, de raça ou casta, em detrimento dos interesses coletivos. E' preciso que venha a guerra para obriga-los a pensar de maneira mais cristã, depois que passarem por uma série de duras provações, as mais duras de sua longa e penosa história. E ela virá impreterivelmente, num futuro talvez próximo. Os homens assim o querem para satisfação do seu orgulho e das suas ambições rasteiras. Têm o livre arbítrio, podem fazer o bem ou o mal, mas não ficarão impunes dos males que causarem à coletividade.

Entretanto, um consôlo ainda nos resta. E' que, com o advento do Espiritismo, o fim dos tempos está efetivamente bem próximo, mais próximo do que pensamos. E' o fim de um mundo incompatível com o espírito progressista da nova geração, o fim das baixas paixões, do orgulho e do egoismo, causas das demais imperfeições que petrificam a evolução do espírito na senda da perfeição.

Não ha dúvida, o Espiritismo, com os seus factos comprobativos da sobrevivência individual, suas reiteradas mensagens, dadas por espíritos de escól através de médiuns insuspeitos, plantará em todos os corações a fé e a esperança, iluminando cérebros obscurecidos pelas cousas mundanas. Êle já não é apenas a ciência, a filosofia e a religião do futuro, como afirmou notável filósofo, já é do presente, porque todos, ao receberem os jactos de luz de seu incomparavel saber, sentem-se confortados, cheios de fé e esperança, côncios do destino grandioso que os espera.

Aguardemos com plena confiança na misericórdia de Deus, o desenrolar dos próximos acontecimentos, certos de que estamos às vésperas da nossa libertação final de um mundo inferior, como é o nosso. Façamos de modo que os nossos atos nos tornem dignos do auxílio dos Espíritos Superiores, cooperando assim para o reinado do Espírito.

As sensações do Espírito

O espírito sente tudo o que percebemos : a luz, os sons, os odores, e, essas sensações, por não terem nada de material, não deixam de ser reaes ; elas têm mesmo alguma coisa de mais claro, mais preciso, mais sutíl, porque chegam à alma sem intermediário, sem passarem, como nós, pela fieira dos sentidos que emocionam. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito : é um atributo de todo o seu sêr ; as sensações lhe vêm de toda parte e não de certas partes determinadas. Um deles dizia, falando da vista : «é uma faculdade do Espírito e não do corpo ; vêdes pelos olhos, mas em vós não é o corpo que vê, é o Espírito.» — GABRIEL DELANNE.

A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— II —

2 — O Sonho de Nabucodonosor — Compêndio original de História Universal.

Daniel, o que tinha por nome Baltazar, foi conduzido à presença do rei, o qual a êle se dirigiu, interrogando: — «Cuidas tu que me poderás dizer verdadeiramente o que eu vi em sonho, e darme dêle a interpretação?» Ao que Daniel, respondeu: — «Os sábios, os mágicos, os adivinhos, e os agoureiros não podem descobrir ao rei o mistério que o rei pergunta. Mas no céu ha um Deus que revela mistérios, o qual te mostrou, ó rei Nabucodonosor, as coisas que hão de acontecer nos últimos tempos. O teu sonho e as visões da tua cabeça, que tiveste no teu leito, passam desta maneira: — «Tu, ó rei, começaste a pensar, estando na tua cama, no que havia de acontecer depois destes tempos, e aquêle que revela os mistérios te descobriu as coisas que hão de vir. A mim também me foi dado revelar êste mistério, não porque a sabedoria que ha em mim, seja maior do que a que se acha em todos os outros viventes, mas para que ficasse manifesta ao rei a interpretação do seu sonho, e para que soubesses tu os pensamentos do teu espírito. Tu, ó rei, estavas olhando, e parecia-te que vias uma como grande estátua; a tal estátua, de uma grandeza e altura extraordinária, se tinha em pé diante de ti, e a sua vista era espantosa. A cabeça desta estátua era de um ouro finissimo, porém o peito e os braços eram de prata, já o ventre e as coxas eram de cobre. E as pernas eram de ferro, uma parte dos pés era de ferro, e a outra de barro. Tu a estavas vendo atentamente, até que uma pedra foi arrancada de um monte, sem a intervenção da mão do homem, a qual feriu a estátua nos seus pés de ferro e de barro, e os fez em pedaços. Então se quebrou tudo a um tempo, o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miuda palha, que o vento leva fóra da eira em tempo de estio; e eles desapareceram de todo o lugar, mas a pedra que havia batido na estátua, fez-se um grande monte que encheu toda a terra. Êste é o sonho.

3 — A Interpretação do Sonho

Tu és o rei dos reis, e o Deus do céu te deu o reino, e a fôrça, e o império e a glória. E todos os lugares, em que habitam os filhos dos homens e as alimárias do campo; entregou também nas tuas mãos as aves do céu e todas as coisas pôs debaixo do teu domínio; tu pois és a *cabeça de ouro*. E depois de ti se levantará *outro reino* menor do que o teu, *que será de prata*, e outro terceiro reino *que será de cobre*, o qual mandará em toda a terra. E o quarto reino *será como ferro;* assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim êle quebrará, e fará todos estes em migalhas. E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro de oleiro e a outra parte de ferro, êsse reino, que terá contudo isso a sua origem da veia do ferro, *será dividido*, segundo tu viste que o ferro estava misturado com a terra e o barro. E os dedos dos pés, em parte de ferro e em parte de barro, dão a entender que êsse mesmo reino será em parte firme, e em parte frágil. E como tú viste que o ferro estava misturado com a terra e o barro, também êles se misturarão pelas razões de contraídos parentêscos, mas não se unirão entre si, bem como o ferro se não pode ligar com o barro. Nos dias porém daqueles reinos suscitará o Deus do céu *um reino que não será jamais dissipado*, e êste seu reino não *passará a outro povo;* antes esmigalhará e consumirá a todos êstes reinos, e *êle mesmo subsistirá para sempre*.

Segundo o que tú viste — prosseguiu Daniel — que uma pedra foi arrancada do monte, sem intervir a mão do homem, e esmigalhou o barro, e o ferro, e o cobre, e a prata, e o oiro, com isto mostrou o grande Deus ao rei o que está para vir nos tempos futuros; e assim é verdadeiro o sonho, e fiel esta sua interpretação.

Então o rei Nabucodonosor prostou-se com o rosto em terra e adorou a Daniel, mandando que lhe fizessem sacrifício de vítimas e de incenso. E falando a Daniel lhe disse: Verdadeiramente o vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Se-

nhor dos reis, e que revela os mistérios, pois que pudestes descobrir êste segredo. O rei elevou em honra a Daniel e lhe deu muitos e magníficos presentes, constituiu-o governador de todas as provincias da Babilônia, e prefeito dos magistrados, acima de todos os sábios de Babilonia. (Cap. II — vv. 1 a 48).

Depois de ter decifrado o sonho, Daniel fez uma petição ao rei, e êste atendendo ao seu pedido constituiu superintendentes dos negócios da provnícia de Babilônia, a Sidrach, Misach e Abdenago.

Obcecado pela idéia do sonho, Nabucodonosor mandou construir no Campo de Dura uma estátua de ouro, com sessenta côvados de altura e seis de largo. Em seguida, despachou o rei correios por toda parte determinando que se convocassem os sátrapas, os magistrados, os juizes, os capitães, os tiranos, os prefeitos e todos os príncipes da província para que estivessem presentes no dia que fosse inaugurada a estátua. Chegando o dia e estando todos presentes, o pregoeiro do rei clamou em alta voz que todos os que houvessem escutado o som da trombeta, da flauta, da cítara, da harpa, do saltério e toda sorte de concertos de músicos, deviam se prostar ao chão e adorarem a estátua de ouro, sendo o rei obedecido, porque todo aquele que não cumprisse a ordem seria lançado a uma fornalha de fogo ardente.

Entrementes, chegavam à província uns homens caldeus acusado de judeus, que não quiseram cumprir a ordem do rei. Esses homens eram justamente aqueles que haviam sido constituidos superintendentes dos negócios da província de Babilônia — Sidrach, Misach e Abdenago. O rei, tomado de ódio, mandou-os vir à sua presença e depois de interrogá-los, ordenou que os mesmos fossem lançados ao fogo, atados, com as suas roupas, mitras, sapatos e vestidos.

Mas, aí aconteceu o inesperado, o rei viu quatro homens soltos, passeando dentro do fogo, sem nenhuma lesão, sendo que o aspécto do quarto homem era semelhante ao do Filho do Homem. Desse momento em diante, o rei passou a louvar o Deus de Sidrach, Misach e Abdenago, exclamando — *Bendito seja o Deus dêles !*

Nova-Iguassú, Março de 1948.

(Continua)

A OBRA DE GELEY

— XI —

Continuemos a leitura de Geley:

«A mônada central, o «eu» real, é a fonte e o princípio do gênio criador, da inspiração: desempenha o papel diretor e centralizador na síntese psicológica.

«Esse «eu» real assegura a permanência individual, a despeito da perpétua renovação dos estados de consciência em uma vida e das mudanças de personalidade de uma a outra existência.

«Ele conserva a memória integral de todas as aquisições e as assimila, e por essa assimilação desenvolve, pouco a pouco, a consciência que representa e sintetiza todas as realizações e, que, finalmente, é o arquivo de toda a consciência latente, constituida esta por um formidável passado de inúmeras experiências, de incalculáveis aquisições e de numerosas realizações.»

Vemos por esta passagem que, partindo da observação dos fenômenos naturais no ser vivo, Geley vai chegar embora por outras palavras — precisamente à revelação feita pelos espíritos e codificada por Allan Kardec. E' uma confirmação preciosa de quanto já se achava revelado com respeito ao progresso ilimitado do Espírito através de incontáveis encarnações.

Prossigamos na leitura:

«As tendências, o nível evolutivo

do «eu» e suas aspirações determinadas pela evolução anterior agrupam os elementos psíquicos para a formação de um novo Ser.

«Enquanto perdura o agrupamento corporal — é necessário repetí-lo, porque se trata de fato primordial — o psiquismo total está travado pelo psiquismo cerebral e por êste limitado no que concerne às suas relações com o mundo exterior. A expressão do pensamento e todas as manifestações da atividade mental têm de pedir cooperação ao canal cerebral, e êste canal, estreito e dirigido num dado sentido, limita e nêsse sentido determina toda a atividade do «eu».

«A associação, a coesão estreita do grupo implica, portanto, uma diminuição da atividade do «eu», enquanto o relaxamento ou a separação do bloco inferior implica uma expansão daquelas atividades.

«O psiquismo total é, pois, diferente do psiquismo da vida normal, porque êste é limitado pelas condições cerebrais.

«Nesta concepção há um ponto sôbre o qual é necessário chamar especialmente a atenção, afim de evitar falsas e desastrosas interpretações. Referimo-nos à subordinação do psiquismo cerebral ao psiquismo superior.

«Absolutamente não se deve compreender isso no sentido de que haja no Sêr dois sêres distintos, diferentes na essência e no destino.

«Desgraçadamente, tal equívoco é quasi constante até o presente. Domina nos sistemas de Hartmann e de Schopenhauer».

Convém aquí observarmos que em Espiritismo ninguém admite essa dualidade nem a confunde com os casos de obsessão, nos quais uma entidade extrínseca prejudica com suas vibrações o psiquismo do Espírito encarnado. Todos sabemos das limitações que a carne impõe ao Espírito e Geley vai chegar, logo depois, a essa mesma conclusão. Diz:

«O que desde agora póde induzir-se com a maior certeza, é que o Sêr, em suas fases de desencarnação, liberto das contingências cerebrais, póde e deve, quando já tenha alcançado um nivel suficiente de consciência e de liberdade, conhecer-se a si mesmo cada vez mais e melhor. Seu passado lhe será acessível dentro dos limites da sua evolução já realizada, o que lhe servirá também para preparar conscientemente seu porvir».

Como se vê, também esta conclusão a que chegou o ilustre Diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, após longos e profundos estudos, já estava revelada sessenta anos antes e publicada por Allan Kardec. Não queremos subestimar o valor da obra de Geley, muito ao contrário; êle realizou um trabalho imenso, qual o de demonstrar que a ciência nos conduz inevitavelmente à confirmação da Doutrina ensinada pelos Espíritos. Só o cientista superficial, materialista, póde, depois de Geley, negar o Espiritismo. Mas a esta espécie de cientistas falta qualquer autoridade para ser ouvida.

Foi profundamente lamentável que as Igrejas, irrefletidamente, houvessem tomado posição contra a revelação dos Espíritos, filiando-se assim aos mais superficiais materialistas e minando inconscientemente seus dogmas fundamentais que ensinavam a mesma coisa que os Espíritos vieram revelar, isto é, sobrevivência e responsabilidade do Sêr espiritual. Toda a transformação do mundo teria sido mais rápida e menos dolorosa, se as Igrejas cristãs houvessem compreendido, como disse Kardec, o partido imenso que deveriam tirar das comunicações de Espíritos. Hoje é demasiado tarde para isso e o Espitismo terá de vencer contra as Igrejas organizadas, visto que elas tomaram, erradamente, o partido dos negadores materialistas, confessando-se, com isso, igualmente materialistas.

A tarefa daqueles que se propuzeram a trabalhar na seára espírita deve ter por base a prática e a prégação do Evangelho, sem o que não poderão fazer jús ao salário divino. Que o vosso trabalho se oriente no sentido da engrandecer a doutrina, sem personalismo e orgulho, afim de que vos torneis dignos das atenções do Alto. — CAIRBAR.

A Espiritualização do Mundo

CRONICA DE LEOPOLDO MACHADO

homem, essa criança grande, precisa, como as crianças pequenas, de apanhar muito para aprender! Um dos brinquedos mais apreciáveis pelas crianças pequenas é o da guerra, é o de brigar. As civilizações que já se foram, e a do século das luzes que aí está, não têm feito, ousamos afirmá-lo, outra coisa, sinão brincadeiras de guerra promovidas pelas crianças grandes. As crianças pequenas enjôam, não raro, suas brincadeiras e, dentro delas, se cansam. O mesmo também pode se dar com as crianças grandes. A despeito de tudo que por aí vai, de belicoso e tremendo, parece que o homem já está enjoando de guerras; já está cansando de brigas; já está conspirando contra o maior fator de brigas e de guerras: o materialismo absorvente, que penetrou em tudo: no organismo das nações e dos povos, da ciência e das religiões, das filosofias e da Sociologia. Se cessada a causa, como é axiomático, cessados estão os efeitos, sente-se que já vai partindo da parte de quem devia partir, um movimento significativo contra o materialismo grosseirissimo e a prol da espiritualização do homem e de sua civilização.

Ontem, era o *mahatma* Gandhi, talvez uma das maiores fôrças morais do momento, que bradava só havia um problema sério a afligir a espécie humana: o problema de sua espiritualização! Era Lloyde George a convidar sua pátria e o mundo a se voltarem para um espiritualismo consciente e puro, afim de encontrar a felicidade! Era Oliveira Salazar a afirmar só existe no mundo uma crise gravissima: a falta de moral, que é uma fôrça do Espírito!

Era — pasmai, se quiserdes! — Benito Mussoline a proclamar, perante jornalistas de sua pátria, que a época atual deve conferir ao espírito os mesmos cuidados, sinão maiores, dos conferidos à matéria. E era alta autoridade moral da civilização americana e dos maiores do mundo, o sr. Roosevelt, a concitar os povos americanos para que formem, com os povos de outros continentes e hemisférios», uma frente única, espiritualista, no sentido de substituir o materialismo radical e impenitente que domina os homens, pela espiritualização que conforte e enobreça corações».

Se o exemplo vale mais quando vem de cima, é possivel que, partindo o convite e o exemplo do alto, nós, que estamos cá muito em baixo, mais depressa procuramos imitá-los. Imitar os exemplos, que é coisa bem diferente de ouvir, apenas, palanfrórios e *leros-leros*, de que o mundo anda cheio!

Leros-leros e palanfrórios que, sem os exemplos, já não procedem, já não inspiram confiança e fé. E ai de quem se deixe, sem mais aquela, embair por eles!

Quando foi, há anos, dos *leros-leros* da conferência do desarmamento, para que os espíritos se desarmassem, também, de ódios e egoísmos, no sentido de que os homens não continuassem feitos cães e lobos de seus próprios irmãos de humanidade, foi a pequenina, mas simpática, Dinamarca a primeira a desarmar-se, transferindo seu exército à condição de simples milícia apenas. Entretanto, viu toda gente o que aconteceu ao espírito pacifista da Dinamarca!

Pois que os maiores guias da humanidade, aconselhem e exemplifiquem a espiritualização do mundo, e terão, por certo, dêste modo, objetivado a mais alta função que lhes cabe desempenhar à face do Planeta, porque terão arrastado os povos confiados à sua guarda!

Não é fácil porém, cremos, a tarefa desta espiritualização. Como conseguí-la? Subentende-se para logo, que espiritualizar seja do encargo das religiões. Qual delas? Todas? Difícil resposta esta, de vez que, dentro de seu exclusivismo, porque, também, impregnadas, a seu turno, de materialidades, vai cada qual proclamando-se a única acreditada para tanto. Nenhuma das sessenta que por aí vão, dividindo cada vez mais, ao em vez de aproximar, os homens, se acreditará incapaz para tanto, cederá o direito que pensa absolutamente seu, de seu corpo de

doutrina, de suas ensinanças e ritualismos, a outra religião! Talvez seja mais fácil a aliança da água com o fogo, como viramos, agora, aliadas as ideologias alemã e russa, do que entre duas religiões diferentes! Cada uma se apresentará, assim, dotada de superioridade e do direito de realizar o prodígio, procurando, antes, para tanto, aniquilar e extinguir as outras religiões. Eis uma dolorosa verdade!

Nem o Espiritismo escapará à dureza do asserto? perguntareis.

E' facil a resposta. Sem se presumir seja êle, exclusivamente, o caminho único para Deus, visto como sua legenda é «FÓRA DA CARIDADE NÃO HA SALVAÇÃO», tem ainda, o Espiritismo a distinguí-lo das outras religiões, seu aspecto científico e filosófico. E, além disto, é de seu codificador que o Espiritismo não veio para desviar ninguém de sua fé, desde que se sinta bem com ela. Veio, antes, para fortalecer esta fé e transmitir fé racional, porque científica e filosóficamente demonstrada, áqueles que ainda não crêem, que ainda não têm fé.

Uma doutrina assim não se pode, é facto, medir pela craveira das que se apoiam sómente na fôrça das tradições e do *magister dixit* para viver e se impor. E será êle, o Espiritismo, que, num futuro próximo, realizará sôbre a Terra aquilo que, agora, apenas se esboça; que se nos afigura, apenas, um sonho: a espiritualização integral, a cristianização completa da humanidade e do mundo.

Fenômenos de Materialização

XVII

Sob o minha presidência, a sessão do «André Luiz» do dia 10 de Novembro, foi iniciada por uma prece. Faço a leitura do capítulo «Desenvolvimento mediúnico» do livro «Missionários da luz», finda a qual peço a assistência sejam feitos alguns momentos de concentração, para a consulta a um dos nossos amigos da espiritualidade. Pelo médium Lins orienta-nos o espírito de Julio (médico desincarnado em Macaé), que nos encanta com superiores ensinamentos. O mesmo médium recolhe-se á cabine. Procede-se á série de comentários da lição da noite, a cargo dos irmãos Major Ismael, Cap. Leite, Fonseca, Ferreira, Inácio, Margarida, Madalena e Alda, intercalada de hinos suaves e de preces sentidas em favor dos doentes.

A Dulde de Fátima Oliveira, aniversariava nêsse dia, facto ignorado pela assistência, excessão feita dos seus familiares.

Materializa-se João de Deus, secundando-o David, que vem oferecer um cravo branco á aniversariante, sua neta. O José Grosso, notado pela estridência da sua já conhecida linguagem, em voz direta, anuncia a sua oferta de um cravo vermelho á Dulce e este lhe caí no colo. Nina Arneiro, materializada, vem obsequiar-me na extremidade da sala, na mesa da presidência, com um viçoso cravo vermelho, oferecendo outra rosa, á irmã Margarida. João de Deus volta ao recinto, materializado, pregando o Evangelho de viva voz, no meio da assistência. Vários confrades, em número de treze, são contemplados com cravos naturais de côres diversas. Falam-nos ainda José, Scheila, Neuza, Fidelinho e Rodolfo Flitz, todos nos encantando com judiciosos conceitos de fundo evangélico e nos animando com suas demonstrações efusivas de carinho e amizade. A Scheila deixou-nos sua mão modelada em parafina e o José nos ofereceu um cristal de rocha semi-lapidado, dizendo que o trouxera da Fazenda Rochedo, de Minas Gerais, adiantando que era para o Ernesto mandar lapidá-lo e fazer um anel com a pedra, o que êle fez realmente. O espírito de Margarida, ao oferecer um cravo branco ao seu marido, nosso companheiro Afonso Pinto da Fonseca, declarou lhe que o seu desejo era de que a sua alma ficasse, pela virtude, tão branca como a flor que lhe oferecia. O José disse-nos, ainda pesaroso, que tinha trazido uma flor da China, da família das papoulináceas, mas que se havia despetalado na viagem, deixando o caule e as pétalas sôbre a luva da Scheila.

A irmã Euridice foi agraciada com um cravo originalissimo, pelo espírito de um seu irmão carnal, desincarnado, fazia anos nêsse dia. Encerro a sessão com u-

ma prece, indo o Inacio assistir e acordar o médium. Perderam pêso nessa reunião: eu, um quilo; Fonseca, um quilo; Alda, meio quilo; Peixoto, dois quilos; Rosa, um quilo; Risoleta, um quilo; Vicente, um quilo; Ernesto, um quilo e o Capitão Leite meio quilo.

—

No sábado seguinte, dia 8, a nossa confrade Prof.a Maria Amelia, honrava-nos com sua visita. A presidência cabe ao Jaks, que inicia a sessão com uma prece e o cântico dos hinos «Entardecer» e «Obreiros de Jesus». Em seguida, pede seja feita concentração de pensamentos amorosos, para atraír uma entidade amiga que nos instruisse e orientasse: Atende-nos a dedicação de Garcês. Faz-se meia luz e o Lins vai deitar-se, aparecendo poucos instantes depois interessantes fenômenos de luz policrômica dentro da cabine.

A primeira materialização foi a de João de Deus, seguida da de Garcêz, que vem duas vezes ao recinto, tendo feito na segunda delas, uma brilhante explanação doutrinária científica, abordando assuntos evangélicos e de medicina, na qualidade de cristão e de ex-médico da Terra.

Materializam-se, em seguida, os espíritos de Nina, Fidelinho, Scheila, Margarida, José e o pai da nossa irmã Risoleta, sendo que êste espírito, o de José e Margarida tiveram uma aparição superficial, ligeira. Margarida, entretanto, chegou a tocar o Fonseca, seu esposo na última existência. Scheila e Nina distribuiram, profusamente, perfumes de várias essências, durante toda a reunião. Parecia estarmos vivendo em um mundo de essências finas, e agradáveis. Nina conversa familiarmente com Maria Amélia. O Fidelinho fez-nos encher os nossos olhos de lágrimas com as explosões de ternura e carinho com que brindou áquela nossa estimada irmã. Chamando-a para junto da cabine, o espírito se apresenta numa materialização minúscula, abraçando aquela que fôra sua mãe em outra vida, trocando muitas juras de inefavel simpatia e amor, oferecendo-nos um agradável e emocionante episódio inédito. Plinio também faz as suas carinhosas confidências à distinguida irmã campista, enchendo-a de natural júbilo. O Jacks que, por descuido, deixara de fazer a leitura do capítulo «Vampirismo», de Missionários . . . na primeira parte da reunião, procede à sua leitura, sendo interrompido quando estava a meio dela, por uma ordem, em voz direta, para ser diminuida a luz. Observaram-se então lindos fenômenos luminosos que partiam da cabine e tomavam todo o recinto. Comentaram a lição: eu, Lenice, o Prof. Newton e o Major Ismael. Foram cantados, em côro, os hinos «Pai do Céu», «Almas Gêmeas», «Celeste amigo», «Fica conosco, Jesus», «Aprendizes do Espiritismo» e «Prisão Marmentina». Em favor dos doentes, oravam os irmãos, Leite, Inácio, Fonseca, Maria Amélia, Laiz, Margarida e Hilda, cada qual procurando colocar todo o empenho de seus corações, todo o sentimento afetivo das suas almas, no afã de amenizarem o sofrimento alheio. O José atirara, no meio dos assistentes, dois belos cristais de rocha, de formato cilíndrico. O Fidelinho, mais uma vez, deixa-nos o modêlo de um de seus pés, em parafina, e, pela primeira vez, também nos oferece o modêlo de uma de suas mãos, aparentando serem de uma criança de quatro anos presumíveis. José Grosso deixa-nos uma enorme luva sua. Uma outra luva de parafina ainda nos foi oferecida, não tendo ficado esclarecido se era de Plinio ou do pai do Major Ismael.

A sessão é encerrada com uma prece.

—

Na sessão de 5.a feira, dia 13, que é pública e é dedicada ao estudo da doutrina, o «André Luiz» foi distinguido com a visita dos nossos confrades Higino Nobrega e Maria Amelia da Nobrega, chegados de avião, de Três Lagôas, Estado de Mato Grosso, especialmente em visita de cordialidade ao Grupo. Obtida a necessária permissão para participarem da reunião de sexta-feira, que é dedicada a educação dos médiuns, tiveram aí autorização do Alto para assistirem à sessão de tratamento espiritual do dia seguinte, que, como a anterior, é privativa dum reduzido número de confrades, em obediência ao que já está deliberado pelos guias espirituais e pelo Regimento Interno da instituição, por exigência das leis de afinidade, que devem ser respeitadas, nas sessões da invergadura e da responsabilidade das do Grupo Espírita «André Luiz». Nessa reunião deram-se apenas ligeiros fenomenos de voz direta, dado que estavam ausentes os médiuns principais. Deu-se entretanto o inesperado. A nossa irmã

visitante perdeu nessa sessão o elevado pêso de cinco (5) quilos. Outros companheiros ainda perderam de seu pêso, mas nenhum teve a perda maior de um quilo. As nossas irmãs Celcelina Viola e Maria Emilia Castelo Branco, porém, ganharam, respectivamente, um e meio quilos. Os trabalhos foram dirigidos pelo confrade Major Ismael.

—

Na sessão seguinte, dia 18, terça-feira, os irmãos matogrossenses que nos visitaram tiveram oportunidade de presenciar vários fenômenos de voz direta, tendo o espírito de José Grosso brindado os referidos irmãos com várias quadrinhas. Os confrades juizdeforanos Luiz Mesculin Junior e Florinda Mesculin também participaram da reunião, tendo sido agraciados com as homenagens dos nossos amigos do Além. Os trabalhos decorreram normalmente, tendo trabalhado quatro médiuns em duas cabines, uma das quais improvisadas no momento.

Os estimados confrades de Três Lagôas deixaram as seguintes palavras, escritas no livro de impressões do Grupo:

«Causou-nos a melhor impressão o Grupo «André Luiz». Levamos no coração uma indelével recordação que jamais olvidaremos. Ficamos inteiramente obrigados aos nossos irmãos dêste Grupo, pela distinção com que fomos aquí recebidos. Que o nosso bom Deus proteja os irmãos do «André Luiz», são os nossos votos.

a) Higino Nobrega e Maria Amelia da Nobrega».

O irmão Antonio Dalto teve aumentado um quilo em seu pêso. Maria Amelia de Nobrega, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, Euridice Ferreira, Emilia Polvoa Santos e eu perdemos meio quilo cada um.

—

A sessão de sábado próximo passado, ainda não contou com o concurso do médium principal, razão por que não houve materialização. Entretanto singulares fenômenos de efeitos físicos foram apreciados por um número não pequeno, atingindo nada menos de vinte e cinco pessoas, inclusive o Virgilio Pais dos Santos, de Astolfo Dutra, Minas, e o Dr. Lauro Sales, eminente professor e advogado, que assim fazia a sua «reentrée», pois que estivera afastado do nosso convivio cerca de quatro mêses. A direção dos trabalhos esteve a cargo de Ferreira. Depois de proferida a prece inicial e de feita a leitura do capítulo «Socorro espiritual», do livro «Os missionários da Luz», o espírito amigo de David, dá extensa comunicação, considerada oportuna e instrutiva por todos os companheiros. Os médiuns Gonçalves e Santos passaram a repousar na cabine, depois do que, surgem os primeiros fenômenos de voz direta. Os espíritos queridos de José Grosso, Nina, Scheila, Garcês, João de Deus, David, Abel Gomes, Ilka dos Santos, Benedito Aboab e André Luiz, sucedem-se no mistér de nos proporcionarem surprezas consoladoras e ensinamentos superiores. Terminados os labores espirituais da noite, verificou-se que perderam pêso os irmãos Virgilio, Ferreira, Fernando, Lauro, Rodrigo, Inácio, Maria José, Emila e Madalena, sendo que os confrades Ernesto e Maria Castelo Branco, tiveram aumentado o seu pêso em um quilo cada um.

Amadeu Santos.

Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1947.

Ha no homem três cousas essenciais : 1.°, a *alma* ou *espírito*, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral ; 2.°, o *corpo*, envoltório material, pesado e grosseiro, que põe o espírito em relação com o mundo exterior ; 3 °, o *perispírito*, envoltório fluidico, leve, que serve de laço e de intermediário entre o espírito e o corpo. Quando o envoltório exterior está usado e não póde mais funcionar, cai e dêle se despoja o espírito, como o fruto ou a árvore se despojam da casca, ou em suma como o homem despe um velho trajo inservivel ; é o que se chama a *morte*.

A morte não é, pois, outra cousa mais que a destruição do envoltório grosseiro do espírito. Só o corpo morre, o espírito não.

Uma Data que é Símbolo de Fraternidade

13 DE MAIO

A data de 13 de Maio, no Brasil, vem de há muito sendo comemorada não apenas com o fim de lembrar um dos mais brilhantes e significativos fatos de nossa História Pátria ou seja, a Abolição da Escravatura, sinão também como perfeito símbolo de união e fraternidade, evocado de modo especial nos meios espíritas.

Com efeito, em Baurú, pelo menos, onde o espiritismo é uma fôrça já bastante ponderável não só pela existência de dezenas de organizações legalmente constituidas e bem orientadas social e espiritualmente, como pelo seu trabalho no campo da assistência social, referida data — 13 de Maio — já se consagrou autêntica festa de união e fraternidade destinada a homenagear não só os grandes vultos abolicionistas mas ainda, e de um modo todo especial, os humildes e luminares espíritos que se conhecem em quasi todos os centros espíritas do país pelos nomes de Jacó, Lucas, João, Manoel, Domingos, Feliciano, «mãe» Maria (não a Virgem Maria) etc., etc., os quais, ao tempo da Escravatura tiveram papel de relevo junto aos seus irmãos, como eles, atingidos pelo infortúnio do cativeiro, aquí no Brasil. Aqueles personagens é que incutiam, no espírito de seus companheiros arrancados abruptamente à terra natal e feitos escravos num país estranho, os divinos sentimentos de esperança, resignação e fé em «Zambi» ou Deus, o Pai de amor e misericórdia. Sim, porque se por um lado o Criador permitia fossem eles violentados em sua liberdade, por outro lhes proporcionava amparo fraterno mediante o concurso de seus próprios irmãos também escravos, porém, na verdade alí colocados em verdadeira missão destinada a ajudá-los a suportar sem revoltas, o duro cativeiro imposto pelos homens que ainda não tinham compreendido que perante Deus todos são iguais, pertençam a que raça, nacionalidade, religião, côr ou condição social pertencerem, distinguindo-se tão sómente pelos sentimentos bons ou maus que possuam.

Segundo relatam espíritos de grande elevação — interessados em revelar, hoje, a maior grandeza moral e espiritual daqueles espíritos, dentre eles um houve que teve destacada atuação no meio da comunidade escrava distinguindo-se pelo seu trabalho de assistência social, moral e espiritual que prestava com desvêlo e carinho aos seus infelizes irmãos de cativeiro, aos quais distribuia remédio para o corpo e bálsamo para o coração, um e outro retirados respectivamente da rica flora brasílica e dos inexauríveis tesouros espirituais do Evangelho de Jesus Cristo. Êsse personagem, de carapinha já branca porém de semblante sempre alegre e jovial, chamava-se — Jacó, o médico-apóstolo que naquêle tempo já possuía também conhecimentos sôbre a comunicabilidade dos espíritos com os homens e viceversa. E' o mesmo espírito que atualmente distribue de norte a sul, de éste a oeste dos rincões brasileiros, messes divinas de consolação e amor a outros tantos «cativos» moral e espiritualmente falando, pelos quais êle, à frente da bendita Legião de bons espíritos denominada «Amor e Caridade», trabalha incessantemente secundado por todos os sêres de boa vontade.

* * *

Verídica ou não a história que se conhece de Jacó e seus companheiros, o que não podemos duvidar é que se trata, efetivamente, de espíritos de grande elevação, a julgar pelos magníficos exemplos que oferecem de amor e abnegação pela causa dos que sofrem, dos humildes e dos pequeninos tanto que não será blasfemo considerá-los perfeitos êmulos de Jesus Cristo, tendo em vista a humildade que os caracteriza aliada a um acendrado amor por todas as criaturas. Já se universalizou até, nos meios espíritas orientados por aquelas sublimes entidades, o modo pelo qual respondem, invariavelmente, áqueles que procuram agradecer os benefícios recebidos: «Agradeçam a «Zambi» (Deus) que é quem tem para dar; preto velho não tem nada, porque recebe tudo de «Zambi».

Não pode haver lógica mais exata e profunda. No entanto, quantos homens, sábios e caridosos da Terra, se prevalecem dessa lógica para enaltecer o divino poder e amor de Deus?

Convenhamos que o orgulho e a vaidade é que constituem, infelizmente, o grande apanágio dos sêres humanos, enquanto o desses «pretinhos» — como assim costumam intitular-se — é a humildade e o desprendimento, virtudes excelsas que exemplificam, porém, sem ferir suscetibilidades e recordando, ao contrário, que já fizeram como os homens da Terra hoje procedem, isto é, erraram muito, mas, que Zambi, bom como é, concedeu-lhes muitas oportunidades, através de sucessivas reincarnações, até que se purificaram e tornaram felizes.

E ainda aí, deixam lições de estímulo ao progresso e de perseverança na luta contra o mal, exemplificando, portanto, de maneira extraordinariamente bela o ensino de Jesus quando afirma que «aquele que quiser ser grande, deve fazer-se pequenino».

* * *

O que aí deixamos, á guisa de introdução ao noticiário que a seguir daremos sôbre o que foi êste ano a festa de 13 de Maio em Baurú, é feito sem cogitarmos da parte científica quanto a provar, dentro de uma análise rigorosa, que se enquadra nos princípios da doutrina o facto de referidos espíritos serem aceitos como elevados e tomados por «Guias», em contraste quiçá com sua condição de ex-pretos africanos e, ainda por cima, escravos! E não entramos em tais considerações, propositalmente, por nos considerarmos demais ignorante e sobretudo pobre em moral para julgarmos que esses factos não se enquadram talvez, na lógica da ciência. Não o fazemos e até aconselhamos que o não façam aqueles tocados de maiores escrúpulos e espírito científico, porisso que ha muita cousa que escapa à ciência dos homens, visto enquadrar-se nos desígnios de Deus ou mesmo da própria ciência que ainda não foi totalmente dominada pelo homem, devido á sua evolução moral, infelizmente ainda muito inferior.

* * *

As festas de 13 de Maio, nos moldes acima descritos que até então eram realizadas pelos centros, de per si, em homenagem áquelas entidades espirituais, êste ano realizaram-se sob os auspícios da «União Municipal Espírita de Baurú» que, aproveitando da circunstância de um dos centros a ela filiados — o C. E. «Paz, Amor e Caridade» inaugurar naquele dia o prédio próprio de sua nova séde, resolveu comemorar a data numa festa conjunta, com a participação dos demais centros adêsos que, expontâneamente, se solidarisassem com êsse ato.

Do programa de referida festa constou uma parte evangélico-doutrinária, com o concurso dos representantes da «União Social Espírita de São Paulo», confrades Benedito Godoy Paiva e Jony Doin, que desenvolveram belas e proveitosissimas peças oratórias, aquele evidenciando a necessidade da unificação dos espíritas em tôrno do que teceu oportunos e elevados comentários, êste, num bonito improviso, demonstrando a excelência do Espiritismo, sua perfeita concordância com o cristianismo e a necessidade de os espíritas o assimilarem estreme de preconceitos e misticismos, quiçá herdados das religiões de onde procederam antes de ingressarem na Doutrina dos Espíritos. A outra parte esteve a cargo da Juventude Espírita de Baurú, que apresentou o Sainete em um ato — «Brasil Unido» de Leopoldo Machado, com o concurso das senhorinhas Terezinha Martins, Adélia Abraão e Olga Neme e mais a declamação de poesias, pelas senhoritas Aurea Maria da Silva, Nilce Amaral e Olga Neme.

Na tarde daquele mesmo dia, houve a irradiação através da P. R. G. 8, do «momento espírito radiofônico» que está a cargo da União Municipal Espírita de Baurú, o qual comemorou naquela data o seu primeiro aniversário. Falaram na ocasião, os confrades B. Godoy Paiva e Jony Doin, havendo sido ambos muito apreciados em suas palestras.

Na manhã de 13, logo após haverem chegado os representantes da USE, os confrades Roberto Previdelo, Antonio Moreto Sobrinho, Sebastião Paiva e Nabor da Graça Leite empreenderam visitas a diversos pontos da cidade, quando aqueles convidados tiveram oportunidade de conhecer a novel instituição de assistência recem-fundada, a «Sociedade Beneficente Cristã», dirigida pelo confrade Se-

bastião Paiva, e localizada nos altos do Jardim Bela Vista onde se abrigam algumas dezenas de famílias em casinhas adrede feitas para recolher aquelas criaturas desamparadas e que, por se encontrar superlotado o «Lar dos Desamparados» outra instituição de amparo à velhice, alí são recolhidas e tratadas com devotamento por todos os cristãos bauruenses. Em seguida, foram à Colonia do «Lar dos Desamparados», localizada a 16 quilometros de Baurú, e onde se abrigam perto de duas centenas de pobres, e também algumas dezenas de crianças do sexo masculino. Após uma hora de convívio com os irmãos alí internados, regressaram os visitantes, cheios de contentamento, a idealizarem trabalhos para que cada vez mais se concretizem obras de assistência social como as que vinham de visitar, como um dos principais fatores para firmar-se mais e mais o conceito do espiritismo em que é tido por todos como o verdadeiro Cristianismo, cujo lema insculpido pelo grande codificador Kardec é este: «Fóra da Caridade não há Salvação».

Nabor da Graça Leite.

O Conhecidíssimo Homem

Arnaldo S. Thiago

Alex Carrel, munido dos seus admiráveis instrumentos de investigação científica, deixou-nos naquelas páginas magníficas de «L'Homme — cet inconnu», um vívido retrato do homem, em verdade, desconhecido, porque o nosso pobre irmão, que em verdade muito conhecemos, o nosso mísero semelhante, com quem diuturnamente tratamos, para subversão do nosso espírito nos mais tôrvos sentimentos de revolta e desânimo, é o conhecidíssimo homem destes tempos malditos que atravessamos; malditos porque o conhecidíssimo homem da Terra assim os reduziu, pela sua malignidade, pela astúcia do seu proceder, desde que a civilização cristã, perdendo o seu prestígio, em consequência dos revoltantes atos simoníacos e da hipocrisia dos seus melhores corifeus, se tornou impotente para conter a onda do materialismo avassalador, que converteu o homem num infeliz autômato dos mais grosseiros estigmas da sua degradação moral. Substituido o sentimento religioso, independente e honesto, pela escravização da consciência ás ameaças do Inferno, o homem pôde ser mantido em relativa disciplina moral exterior, e a sociedade em relativa paz e aparente moralidade. Desde, porém, que a ciência rasgou aos olhares atônitos dêsse homem deshonesto e mau, escravizado entretanto, a realidade do universo, e que êle pode entrever, embora através de pequena fresta, a verdade das cousas dissipando-se-lhe do espírito o mêdo do Inferno, arrojou-se a todas as suas insidiosas satisfações, sem escrúpulo algum, como aliás o confessa Alex Carrel, desmentindo destarte o próprio título do seu livro.

O homem é, infelizmente, conhecidíssimo, e é, pela sua astúcia, universalmente mau. Êle só pensa no gôzo material e, quando não pensa, espíritos insidiosos e desejosos de continuarem a libar o cálice dos seus vícios e das suas deformidades morais que não podem mais satisfazer por si mesmos, porque desincarnados, *encostam-se* nos últimos abencerragens do pensamento honesto e os arrastam à perdição, caso não disponham de uma energia férrea para se manterem no mundo sem ser do mundo, como recomenda Jesus.

Conhecidíssimo o homem! Mesmo agora acabo de o constatar. Estou escrevendo com dificuldade em uma velha máquina que um «técnico», astuciosamente, fez-me entregar-lhe para concertar, mediante estipulada importância e, tendo recebido a sua paga, restituiu-me a máquina em piores condições do que antes. Estou voltando para casa e trago o meu espírito sombrio, por ter visto quanta desfaçatez vigora no mundo dos negócios: só há por toda a parte, uma idéia predominante: enganar. Qual o homem que se esforça por adquirir melhores sentimentos, que deixará de

sofrer amarguras profundas na sua vida de relação com êsse pobre homem inteligente e astuciosíssimo que aí está?!

Ser astucioso é o mais alto grau de bom discernimento que póde apresentar um cidadão moderno. Passíveis da risota dos espertos, os que se deixam ludibriar. Ora, ninguém quer passar por tôlo. Prefere-se esconder no fundo da alma o segrêdo da virtude. Há poucos dias, tratado acrimoniosamente por um joven bacharel que veio tentar carreira nesta grande metrópole, só porque, inadvertidamente, apresentára-me antes dêle num guiché do correio, para comprar sêlo, imediatamente cedi lhe o lugar, explicando me. O pobre moço, ainda não totalmente envenenado por esta maldita civilização da astúcia, do latrocínio e do adultério, caíu em si e lembrando-se talvez dos conselhos recebidos na casa paterna, desfez-se em desculpas pelos maus modos com que me tratára e procurou, por todos os meios, convencer-me de que êle não era assim, estava se tornando assim devido às exigências da vida nesta grande metrópole...

Conhecidíssimo o homem!

Distila-lhe a alma o fel dos desenganos e, em vez de certificar-se de que está em um triste mundo de expiação e de prova, e que lhe cumpre *tudo sacrificar*, mesmo a sua tranquilidade, sendo-o preciso, para manter ilêsos os princípios morais da Religião que professa — única táboa de salvação que Deus lhe atira nêste revôlto mar das concupiscências terrenas — o que faz o homem? Vencido pelos desenganos, «desaperta para a esquerda»: vai fazendo aos outros o que os outros lhe fazem! Assim também procedem os espíritas!! E o sal da terra torna-se insuso. Não mais tem-se com o que salgar e tudo vai assim apodrecendo...

Conhecidíssimo homem! Homem astuto dêste maldito ciclo materialista da civilização terrena! Ouve a grande voz do Mestre, não partida destes lábios que te bradam as duras verdades da tua mísera condição atual, mas procuradas na táboa de salvação do Evangelho. Aquí o pronunciamento da procela, a voz dessa mesma procela em que te envolves: a voz do teu mísero companheiro de dôres, que submerge contigo no asqueroso pélago da vida. Alí a voz do Justo, daquêle que nos veio a salvar — a ti e a mim. Escutemos-lhe a grande voz que rebôa ao longo dos séculos: «Quem não se fizer como criança, não entrará no Reino dos Céus». Deixa a maldição da astúcia, homem da terra, embora seja a tua auréola, o distintivo da tua civilização mecanicista. Deixa-a. Principalmente tu, irmão espírita, não apliques os dons da tua inteligência em buscar pela astúcia melhor nível de vida. Deixa que nosso Pai Celestial te conduza, conservando-te honesto para com os que usam de deshonestidade para contigo; não recorrendo aos tribunais da Terra, mas resolvendo tudo em tua vida pelo Código da Moral do Cristo: «Se alguém te obrigar a ir carregando-o cem passos, carrega-o outros cem». «Não recuses a quem te pedir...» Abnegação, meu irmão, desprendimento, perdão e acima de tudo CARIDADE. Espírita, lembra-te dos teus sérios deveres. Foste chamado: faze por ser dos escolhidos. A terra não póde ficar sem o fermento do Evangelho. Alguém precisa resignar-se a ser o sal da Terra, porque êste elemento de conservação da Virtude está faltando na Terra.

O número dos chamados a trabalhar na divina seára está aumentando cada vez mais, o que muito vos deve alegrar. Não vos esqueçais, entretanto, de que poucos serão os escolhidos. Isto quer dizer que deveis observar se as vossas obras, pensamentos e ações estão de acôrdo com os preceitos evangélicos. Fazei todo o possível para serdes, entre os chamados, os escolhidos, a quem Deus reservou o seu reino.

CAIRBAR.

Livros e Autores

Leopoldo Machado

VIDAS E DESTINOS — *Lisandro do Castelo*

A função do escritor devia ser de orientador, embora sem saber a quem está orientando; a função do mestre-escola que vê no público que o lê, alunos e guiados. E' bem de ver que aquí nos referimos ao escritor de idéias e doutrinas.

O livro que, nêste caso, lhe sái da pena, deve ser o ensinamento vivido, porque com muita franqueza e sinceridade, com muito equilíbrio e ponderação.

E é nisso que está, para nós, o escrever bem.

E escreve bem aquêle que, sôbre escrever dentro de normas gramaticais precisas, expõe bem as suas idéias, conduzindo, sempre, ao Bem.

Claro que não se chega a êsse «escrever bem» sem o aprendizado no estudo porfiado das coisas sérias e sem o apuramento que a Dor leva aos «amados de Deus».

Foi bem êste o caso de Humberto de Campos.

Escritor galante feito o Cons. XX, jornalista e poeta dos mais apurados, elemento dos mais capazes da Academia de Letras, não seria o escritor que hoje é, grande nos dois planos—no material e no espiritual—se a Dor não lhe tirasse a luz dos olhos e não o atirasse a um leito de sofrimento, onde, através do seu próprio, estudou o sofrimento alheio. E suas crônicas admiráveis dos últimos tempos, todas elas profundamente humanas, porque de molde a pintar a própria dor, consolando a dor alheia, orientando destinos e vidas irmãos do seu destino e de sua vida, foram a escada de ouro e sêda para a sua glória humana, para o seu gáudio espiritual, por isso mesmo que, hoje, na Espiritualidade, ao lado de Emanuel e André Luiz, se tornou um dos orientadores mais queridos do movimento espiritualizador que envolve o País.

Lisandro do Castelo—nome ou pseudonimo? — envia-nos um livro nos moldes dos livros úteis, que é VIDAS E DESTINOS.

São histórias dolorosas, situações dificílimas, encruzilhadas perigosas em que, muitas vezes, se encontram as criaturas empurradas pela Vida e pelo Destino. Daí, naturalmente, o título do livro. E, para cada história e dificuldade, tem o autor uma saída, um remédio pronto, um refrigerio e um ou mais alentos. São 50 situações diferentes envolvendo 53 figuras de mulheres que se encontravam em situação de desespero, entre a morte e a loucura, entre o «sem jeito» e o suicídio, que Lisandro do Castelo procura solucionar em nome da moral cristã e do bom senso.

Trata-se de um livro sem sectarismo religioso. Maior talvez por isso, embora seu autor se apresente espiritualista e cristão. E, sôbre tudo, cristão e espiritualista apiedado das dores humanas, com o coração e a inteligência voltados para o sexo que mais sofre, embora seja o que se apresenta como o que mais goza.

O volume é dedicado às três mulheres de seu grande amor: Sua filha, sua esposa e sua mãe. Bem escrito, a despeito de mal impresso e caro. Impresso em papel de jornal, inferior, com 238 páginas, por trinta cruzeiros. Livros como VIDAS E DESTINOS deviam ser o mais barato possível, para que pudessem ser lidos por toda gente. E de onde vem? E onde foi editado? Não sabemos, pois na sôbre-capa traz, apenas, *Livraria Continente* e nada mais...

—

EL MUNDO DE HOY Y DE MAÑANA e PAZ POLÍTICA Y PAZ ECONOMICA, *Noe Wajner*, Santiago do Chile.

O primeiro volume é um opúsculo de 112 páginas, bôa apresentação gráfica, que estuda a situação em particular do Chile e da humanidade em geral, para o futuro. Seu autor, Noe Wajner, é doutor da Universidade de Paris e diplomado pela Escola de Altos Estudos Internacionais de París. Por aquí se vê que o crítico não chega nem ás chinelas do criticado. Pois que se limite o crítico a dizer o que sentiu e pensou da leitura de ambos os volumes, com o direito que a todos nos toca de ter, também, opinião.

O *Mundo de Hoje e de Amanhã* é

prefaciado por Tomas Eduardo Rodriguez, da «Academia de Ciências Econômicas» e Presidente da «Bolsa de Comercio» de Santiago, Chile.

O autor estuda sua pátria em face da situação em que a guerra deixou o mundo, expondo uma série de problemas chilenos, que podiam ser brasileiros ou argentinos, de difícil solução pelos processos vulgares em moda. E analisa problemas internacionais, porque do interêsse de todos os povos, de absoluta atualidade. O último capítulo, *Postulados de um Progresso Efetivo,* foi o que lemos com maior agrado. Capítulo forte, que nos põe em frente de um grande pensador e analista a discutir, desassombradamente, problemas humanos, econômicos e militares a chamar o testemunho do Velho Testamento, do Novo Testamento, do Cristo. Problemas que fóra do Evangelho e das leis divinas ficarão, eternamente, sem solução.

Muito bem!

—

No PAZ POLÍTICA Y PAZ ECONOMICA, o autor conserva o mesmo equilíbrio espiritual, a mesma superioridade analística. Dizemo-lo, porque não somos forte em matéria de economia, como, de resto, em coisa alguma. Nem na política individual e doméstica somos forte, quanto mais...

Êste, é prefaciado por Marcial Mora Miranda, chanceler e Ministro da Fazenda de sua terra para quem, como para o autor, «los problemas de la paz futura preocupan ya a gobernantes y publicistas de todo el orbe». Governantes e publicistas, sómente? Todo mundo!

Os problemas econômicos são aquí estudados com clareza e precisão, pois tais problemas é que têm provocado as maiores e mais sangrentas guerras humanas, é claro.

O II capítulo do volume, *Bases de uma Paz Permanente* é, para nós, o centro de gravidade da obra. Depois de passar em revista, histórica e pedagogicamente, a atuação e a situação dos povos mais em relevo do planeta, apresenta um plano, decalcado em bases econômicas de preferência, eficaz para acabar com as guerras no futuro. Plano exposto em 23 itens ou considerações de marcante importância. Mas, se fôsse experimentado seu plano? De nós, que não entendemos de problemas econômicos, não cremos lograsse resultado.

Conhecemos plano mais resumido, que data de 3.500 anos, que, vivido praticamente, acabaria com a guerra, transformando a Terra no Eden para que foi feita e os homens em rebanhos de anjos: o Decálogo! Ainda mais resumidos e mais modernos, pois constante de três postulados apenas e datado de 2.000 anos, aí estão os mandamentos do Cristo (Amar a Deus sôbre todas as coisas, amar ao próximo como a nós mesmos, amarmo-nos uns aos outros) que seriam infalíveis para a paz na Terra e a felicidade do homem. Entretanto, um e outro aí estão, e a humanidade sempre aguerrida, o ódio campeiando infrene, o mundo uma fornalha. Porque? Teriam falido os dois planos? De modo algum, de vez que ainda não foram experimentados nem pelas civilizações israelitas e cristãs. Exatamente porque não foram, ainda, praticados, vividos.

Os dois volumes de Noe Wajner lêm-se com subido agrado, aprendendo-se muita coisa útil e bela.

—

PARA O ALTO — E' o nosso último volume de contos destinados aos jovens de *mocidades espíritas,* ás crianças de aulas de moral, aos espíritas em geral, que gostam de leituras leves, da doutrina ensinada a páginas de literatura de ficção.

Para crítica de nós mesmos, estas linhas?

Nós, para anunciar o volume, apenas, e louvar sua editora, a Livraria ALAN KARDEC, Editora, de S. Paulo, que não se poupa em apresentar volumes caprichosamente apresentáveis. Volumes que, se não honrarem, pela substância, a Editora, como o nosso, por exemplo, a despeito de seu diligente diretor, nosso prezadissimo Batista Lino, andar a proclamar que sua Editora só publicará obras que a recomendem, honram-na sempre, por sua apresentação gráfica, que é, ainda, o caso do nosso volume.

Felizes aqueles que pregam o Espiritismo e se esforçam por cumprir o que pregam, apresentando obras de amor fraterno, porque estão reservando lugar que ninguém lhes tira, no reino de Deus. — CAMARGO.

Espiritismo e Cristianismo

CARLOS IMBASSAHY

SEMPRE julguei que o Espiritismo se compõe de 3 partes, a científica, a filosófica e a religiosa, e que encará-lo por uma única, não importa qual, seria mutilá-lo.

Confiná-lo à religiosa, ou mais precisamente, ao Cristianismo, além de modificar-lhe o caracter, torna-lo-ia fácil prêsa da investida de nossos adversários. O corpo da doutrina espírita, com suas provas, com seus ensinos filosóficos, é como uma praça irredutível, espécie de base de operações, inexpugnável a qualquer ataque. Com apoio nessa base é fácil disseminar-lhe os ensinos, entre os quais se encontram os do Evangelho. Mas os ensinos evangélicos são parte dos ensinos espíritas, e assim mesmo com as alterações e explicações que os Espíritos vieram trazer-lhe. Sem o esteio daquela praça forte, sem as costas garantidas por aquela base, qualquer movimento tático seria temerário.

Que cada indivíduo ou mesmo cada centro tenha suas predileções, seus pendores especiais, de conformidade com o modo de sentir, de ver, ou de acôrdo com a cultura de cada qual, compreende-se e até se justifica. Que nas pregações ao público, prefiramos a parte moral da doutrina, é perfeitamente curial. Mas o que é êrro flagrante é apresentarmos nas nossas grandes reuniões, assembléias, congressos, semanas, mesas redondas, o Espiritismo, apenas, num de seus ângulos. O perigo é tanto maior e tanto mais acentuado é o desvirtuamento dos princípios da 3.ª Revelação, quando não a restringem unicamente à parte religiosa, senão que a circunscrevem a determinada religião.

Era já êsse o receio de Allan Kardec, que nunca deu ao Espiritismo o nome de religião, mas, às vezes, o de ciência, outras de filosofia, outras de ciência filosófica.

Na sua obra *O que é o Espiritismo* dizia o Codificador:

«O Espiritismo é antes de tudo uma ciência (*Le spiritisme est avant tout une science*) e não se ocupa de questões dogmáticas. Esta ciência tem consequências morais como tôdas as ciências filosóficas.»

E mais adiante:

«O Espiritismo, melhor observado depois que tem sido vulgarizado, veio trazer a luz a enorme vulto de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caracter é o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova é que conta entre seus aderentes homens de tôdas as crenças e que não renunciaram a suas convicções.»

E ainda:

«Ha dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a tôdas e os princípios particulares de cada uma. Quanto aos segundos, os Espiritos vulgares, sem serem maus, podem ter preferências, opiníões, podem preconizar tal ou qual forma. Podem encorajar certas práticas, quer por convicção pessoal, quer porque conservaram as idéias da vida terrestre, quer por prudência, quer para não espantar (effaroucher) as consciências tímidas. Crêde, por exemplo, que um espirito esclarecido, dirigindo-se a um mussulmano, irá desastradamente dizer que Mahomé é um impostor e que êle será condenado se não se fizer cristão?» (*Qu'est-ce que le Spiritisme*, 4.ª ed, pgs. 86, 87,89.)

Como se vê, para o pai da doutrina, as preferências religiosas não partem de Espiritos superiores.

Ouvido Kardec, nunca é demais chamarmos ao prélio um dos maiores pugnadores da causa espírita, que foi Ernesto Bozzano. Com aquela extraordinária visão de que sempre deu mostra em todos os seus livros, diz, dirigindo se ao Congresso Espirita Internacional de Barcelona, reunido em 1934, e a respeito das ponderações de um eminente «espírita cristão», cujo nome não declina:

«Sinto-me supreendido. ao verificar que todos os defensores do Espiritismo cristão parecem ignorar que a Terra é povoada de dois bilhões de sêres humanos, entre os quais só 450 milhões professam o Cristianismo, contra um bilhão e quinhentos milhões que professam o paganismo sob todas as formas : mussulmana, budista, confuncionista, brahmânica, xintoista, israelita etc. Ora, entre todos êsses povos há ja numerosos centros de pessoas iniciadas no Espiritismo. Deveremos, pois, exigir dêles que repilam as mensagens em que se ignora o Cristo ? E' natural que os espíritos dos islamitas mortos falem com reverência de seu profeta Mahomé, do mesmo modo que os mortos que se comunicam entre os cristãos falem com reverência do profeta Jesus de Nazaré. Isto é logico tanto para o primeiro como para o segundo caso, pois que os fundadores de tôdas as grandes religiões deveriam ser igualmente considerados como os *profetas de Deus*, revelando aos diferentes povos da terra as mesmas verdades fundamentais, revestindo-as de formas diversas, adaptadas às civilizações mais ou menos evoluidas de cada povo, assim como às aspirações mais ou menos práticas da mística de cada um.»

E termina assim :

«Respeitemos a vontade de Deus e concluamos que se tôdas as religiões são de origem divina, apesar dos enormes desacordos existentes entre si no revestimento exterior, deveremos convencer-nos que sómente as verdades fundamentais, comuns a todas, têm importancia vital.» (Vejam-se os *Anais do Congresso, 1934*.)

Também não escapou ao filósofo que as finalidades do Espiritismo não se enquadrariam numa seita, mas abraçariam a tôdas, visto que todas têm os mesmos pontos fundamentais, como as mensagens vindas do Alto, e sem afastar da Familia Espírita os adeptos dos outros credos.

Também eu pensaria que, dada a universalidade da doutrina, não deveriamos encantoa-la, sabendo que o nosso principal escopo é a fraternidade geral.

Além do êrro social e doutrinário, há o êrro filosófico, visto que encantoar é reduzir, é comprimir, é limitar. As religiões se podem auxiliar umas às outras ; isoladas serão deficientes. Veja-se o Cristianismo ; o Cristo não disse tudo, muitos dos seus ensinos são velados, outros incompreensíveis, outros mal traduzidos ou truncados, outros que ainda virão a lume ; a grande maioria é de insofismável verdade e de empolgante beleza, estão mais de acôrdo com o Ocidente, mas os de Buda estão mais perto de nossos postulados.

Isto o povo não sabe e talvez não deva saber, mas não o podem desconhecer os mestres em Israel.

* * *

Há a enumeração do que tem produzido entre nós o fervor evangélico. Deve produzir algo, porque seria impossível que tão magníficas sementes só caíssem em terreno sáfaro. Mas a época é de renovação e revolução nas almas. E' preciso trazer o fogo capaz de cauterizar nossas feridas, e só um movimento com a extensão e as provas do Espiritismo estará nas condições de operar o milagre. Se só bastasse o fervor evangélico, teriamos a Inglaterra à testa das construções de que se orgulham os nossos patrícios. Se é êle só a causa delas entre nós, teriamos então um caso tópico ou caso típico. Porque os Evangelhos de hoje são os mesmos de todas as épocas. Se não é o Espiritismo que os está a iluminar, a vivificar, a alimentar, então a coisa é puramente geográfica.

Foi em nome dos mesmos textos que se praticaram os crimes inomináveis que a História registra. E a História registra do lado católico a traição de Carcassona, a perfídia com os Huguenotes, os incêndios de Bèziers, as matanças de Cátaros e Albigenses, a queima de pagãos no Egito e em Jerusalém, as fogueiras da Inquisição, o trucidamento dos povos da América, a liquidação dos árabes de Granada . . .

Era em nome dos livros santos que Francisco I mandava torrar os luteranos à sua vista, que Henrique II

cominava a pena de morte a todos os hereges, que Carlos IX e Catarina instigavam os sicários na noite de S. Bartolomeu, que Luiz XIV pôs a prêmio a cabeça dos calvinistas, que Luiz XV renovou a pena de morte contra protestantes; que vários reis e princípes e religiosos de incrível piedade saíram à guerra santa, e fizeram as Cruzadas, e saquearam, devastaram, pilharam, assassinaram...

Entre os cristãos protestantes não se contam por menos as iniquidades. Cromwell tirou toda a liberdade aos católicos, Guilherme de Orange os exclue do bill de tolerância, Cristino III ordenou que se matassem todos os padres que tivessem a ousadia de penetrar na Dinamarca.

Diz Maurice Magre que onde os cristãos chegavam instalavam logo um tribunal religioso, o patíbulo e a fogueira.

E era o mesmo Evangelho!... Como os espíritos mudaram aquí de repente, é o que não entendemos.

Dir-se-á que, no Brasil é que se apresenta maior cópia de instituições de estudo e amparo social, de obras de caracter doutrinário e humanitário, de emprezas editoras, de publicações e trabalhos de propaganda. E que êsse desenvolvimento decorre do caracter evangélico-cristão.

Mas, assim como não se podem comparar coisas heterogêneas, também a comparação não póde existir quando as circunstâncias são diversíssimas. Não sabemos em que pé estaria o Espiritismo nos países europeus se êles gozassem da relativa tranquilidade que nós aquí usufruimos.

Na Russia não entram, sequer, os trabalhos científicos de Espiritismo. Em Junho de 1932, um catedrático russo, cujo nome não se menciona por prudência, escreveu ao Dr. Osty para perguntar-lhe em que pé estavam as experiências metapsíquicas e a que êle se queria dedicar. Em vista do grande valor do catedrático, Osty se deu pressa em enviar-lhe vários números de sua revista científica. Em breve são elas devolvidas com a seguinte nota: — «Proibida a entrada pela administração de obras impressas». (*Rev. Metapsychique*, 1932 pgs. 295).

Na Alemanha, em um célebre discurso de Nuremberg, Hitler declamava que em terras germânicas não se queriam saber de almas do outro mundo. E de fato foram fechadas todas as agremiações espíritas. Houve uma que nem pondo o retrato do Hitler ao lado do de Cristo conseguiu escapar.

Na Espanha os espíritas foram passados pelas armas.

A França e a Bélgica se viram invadidas duas vezes em 20 anos. A Itália se empenhou em várias guerras. Toda a Europa sofreu as calamitosas consequências dos prélios que lhe ensanguentaram o sólo, destruíram as indústrias, a lavoura, a pecuária, o comércio, desorganizaram, depauperaram ou aniquilaram a atividade econômica, literária, artística e religiosa. Impossível fazer Espiritismo sob um céu de metralha e ao estrupido das bombas.

Não obstante, a Itália, além de suas revistas e de várias obras, deu-nos as de Bozzano, que valem por legiões; a Bélgica manteve uma vasta literatura; a França faria jús à nossa admiração só com a *Revue Spirite*, mas ainda apresentou as obras magistrais de Leon Dénis, Gabriel Delanne, Flammarion, Geley, Gibier, de Rochas... Isto sem falar em Jean Meyer. Portugal, país pequeno, de pequena população, de pequenos recursos, já enche os mercados de bons livros, de boas traduções e possúe ótimas revistas.

De maneira que não será prudente vangloriar-nos, quando não temos medidas capazes de aferir devidamente os valores e as atividades, quando pomos de lado os cataclismos que abalaram o Velho Mundo, quando temos que atender às considerações de ordem política, social, econômica, étnica, topográfica, sentimental.

Mas, ajuizará mal quem julgar o nosso movimento espírita apenas pelas prédicas de caracter religioso. Talvez seja muito mais vasto o dos chamados trabalhos práticos; êles existem por toda a parte; são êles que amedrontam, por sua proliferação, as autoridades eclesiásticas e não eclesiásticas; e de muitos deles é que

têm saído a ordem para a fundação de asílos.

Dir-se-á, entretanto, que o a que nós colimamos, é à harmonia, à solidariedade, à fraternidade, que é isto que está em 1.º plano, e que é justamente isto o que se nota. E então o que vemos são os frutos da pregação escripturística, a tolerância entre os doutrinadores, a igualdade de vistas, ou pelo menos, o respeito ás divergências, a liberdade na tribuna e na imprensa, ninguém se zangando com o que o outro escreve, fala ou pensa, e dando-se o direito a emitir se qualquer opinião; a mansidão e boas maneiras com que se ventilam os assuntos, a nenhuma rivalidade entre instituições e criaturas, a extinção de vaidades e personalismos; o nenhum vislumbre de supremacias e susceptibilidades, a união entre todos, a cordialidade, o estôrço para o fim comum, a paz, o amor de Deus e do próximo. Se assim é, já me calo. *Tollitur questio.*

* * *

Já se disse que eu vejo no Espiritismo uma ciência experimental. O que eu vejo não tem importância nenhuma, mas é bom ir já tirando a água do capote. Quem escreveu um livro para provar que há no Espiritismo uma parte religiosa não póde aterse à ciência experimental.

O que eu vejo é tratar-se a doutrina como se ela fôsse constituida, apenas de uma parte religiosa e nessa de uma única religião. E' a amputação que eu procuraria evitar, como o fiz quando a medida era outra. O que eu quero é alertar os amigos para a operação cirúrgica. Só.

Dizia Maistre que os protestantes eram homens graves vestidos de preto; dos católicos assegura-se que são criaturas que vão à missa; conviria evitar que só vissem nos espíritas indivíduos que decifram charadas bíblicas.

Crônica Estrangeira

Rainbow Harmony Circle

Por Frederico Duarte — Manchester

O Rainbow Harmony Circle é positivamente um dos mais seletos aquí de Manchester. Madame Bullock e seu marido recebem constantemente pedidos e mesmo grandes empenhos para permitir a inclusão no dito, de indivíduos, alguns mesmo sendo conhecidos médiuns, mas não é possível contentá-los, pois que a seleção foi feita pelos nossos amigos do Além. Temos aquí um «Circle» íntimo, mesmo muito íntimo, onde recebemos revelações admiráveis. Em facto, se qualquer de nós se atrevesse a divulgar a um céptico o que alí se passou, e passa, pensaria que todos nós não somos pessoas de juizo! Durante alguns anos já que temos recebido provas absolutas sôbre a sobrevivência e que, se um de nós quisesse compilar suas notas, teria assim elementos suficientes para escrever mais de um volume!

Cairbar Schutel

Êste grande amigo que nos visita de tempos a tempos, convidou-me quando andou cá pelo nosso Mundo Zarolho, a representar a «Revista Internacional do Espiritismo» durante o Congresso Internacional Espírita que se reuniu na cidade de Glasgow, e dias depois da sua transição para o Além veiu falar-me, aparecendo vestindo um fato de linho branco, como aquêle que aparece na sua fotografia que eu muito estimo e guardo.

Os meus amigos do Circle confirmaram isso quando lhes mostrei a dita fotografia. Não há por conseguinte ilusões nenhumas, mas sim o facto de que êste grande amigo nos visita e fala conosco.

Não me admirou por conseguinte nada que êle se interessasse pelo bem estar do meu filho posto que nunca o tivesse conhecido cá na Terra.

Numa das suas visitas eu confesseilhe que «foi uma grande pena ter perdido o meu filho tão novo, quando eu es-

tava fazendo projetos, mesmo de mandá-lo para o Brasil a passar uma temporada na companhia de meus irmãos e mais família que tenho lá».

O bom amigo sorriu-se e disse-me: «Não te aflijas, homem, pois eu o levarei lá por mais de uma vez tendo assim a oportunidade de ver não só a tua família como aquêle nosso lindo país».

Estava com intenções de mandar com esta minha carta uma fotografia do meu filho para ser publicada ao mesmo tempo, mas fui aconselhado a não fazê-lo. Se por ventura em qualquer ocasião o nosso amigo Cairbar venha a transfigurar-se em qualquer «circle» do Brasil, e o meu filho Gabriel aparecer ao mesmo tempo, eu terei então muito prazer em mandar a sua fotografia para comprovar a sua identidade.

Os interessados deverão escrever-me para 50, Mosley Street, Manchester.

Creio que deve haver no Brasil fotógrafos, como aquí, que obtêm provas admiráveis e assim seria sem dúvida interessante que «invocassem» numa scéance o aparecimento do nosso amigo na companhia do Gabriel, tirando assim a sua fotografia.

Num caso meu conhecido um desses fotógrafos tirou uma fotografia onde apareceram três espíritos que foram reconhecidos logo por uma senhora presente.

Há vastos campos para a investigação, mas ninguém se deve atrever a fazer experiências, a não ser que essas sejam sinceras e sob um ponto de vista religioso e honesto.

—

OS MEUS GUIAS

Quando comecei a investigar os fenômenos psíquicos, fui apresentado a uma senhora «médium» a qual me revelou ter eu dois guias principais, sendo um chinês e o outro um jesuita português.

Ora naquela ocasião achei uma piada no que me foi dito, mas a médium vendo-me rir a valer, olhou dramaticamente para mim e disse-me: — Você é precisamente como todos os outros que querem obter provas absolutas sôbre a sobrevivência, sem esfôrço nenhum e como se o Espiritismo fôsse uma coisa, à laia dum líquido, derramando-se a qualquer hora, pela abertura duma torneira!

Você ha-de levar um choque tremendo, o qual positivamente fará que altere as suas idéias. No entretanto você vai cultivando os seus conhecimentos e a ocasião virá quando você terá a oportunidade de ver, falar e ouvir não só os seus dois guias como diversas outras pessoas suas íntimas amigas que se encontram no Além.

A profecia saíu certa. O choque tremendo deu-se com a transição do meu único filho!

Dias depois da minha entrevista com a médium, o sub-editor naquela ocasião, Charles Hicks, convidou-me, assim como a 4 amigos nossos, um dêles sendo em facto o Presidente da Associação de Investigações Psíquicas de Manchester, a reunirmos uma vez por semana na redação do «Two Worlds». Resolvemos sentar-nos em frente duma mesa de pé de galo, e uns momentos depois de termos colocado as mãos em cima da dita, esta começou a mover-se bruscamente.

Um amigo nosso com papel e lapis, sentou-se a um lado de nós colhendo as mensagens. O felizardo fui eu. Um espírito anunciou: — Olá Fred, estou aquí. Sou o teu guia Feng. Adeus! Boa noite!

O extraordinário disto foi que Feng disse em inglês: — Halo Fred, I am here. I am your guide Feng, e terminou por dizer Adeus. Boa noite, em português! Ora era eu o único alí que compreendia português!

Os estimados leitores devem imaginar como eu e os presentes ficámos um tanto perplexos com esta mensagem. Proveniente dum chinês e dizer-nos em português Adeus! Boa noite?

Mas meses depois tudo se veiu decifrar.

Numa das reuniões na casa de Madame Bullock, a famosa médium de transfigurações, transfigurou-se um chinês, aparentando os seus 40 anos, rindo-se e apontando para mim.

Eu imediatamente disse em voz alta: — E's o meu guia chinês, Feng!

A resposta foi «fenomenal»! Em português assim me falou:

«Chinês? Não. Sou tão português como tu! Nasci em Macáu e o meu nome completo é João Feng».

Riu-se novamente e desapareceu. A guia de Madame Bullock, a «little Moonie» transfigurou-se e disse-me: — Uncle Fred (tio Frederico), está aquí um seu grande amigo, é o Father Dominic!

Ora eu não conheci nenhum frade ou padre Dominic, e assim confessei à Moonie que não tinha uma vaga idéia de ter conhecido semelhante criatura cá nêste mundo.

—Vai transfigurar-se, disse a Moonie. E alí me apareceu reconhecendo eu logo, a figura esbelta e bondosa do frade (Padre Domingos) que foi meu prefeito e tutor quando criança, internado no Colégio de Lamêgo, Douro, Portugal! Os belos amigos Feng e Father Dominic visitam-me frequentemente. São positivamente dois belissimos espíritos que amparam muito bem o meu «EGO».

—

JOÃO FENG

O meu guia espiritual João Feng, segundo me disse, viajou muito cá pela Terra e «apoderou-se» de mim por, segundo a sua declaração, «gostar da minha pessoa»! Positivamente que é um guia muito brincalhão e que me préga muitas vezes partidas, e por outro lado, durante as duas Guerras me protegeu e salvou mesmo a vida!

Eis algumas de suas partidas e proteção.

Por alguns anos que usei polainetes, não por pedantismo, mas sim como proteção do meu pé direito, por o ter deslocado quando jogando futebol. Era meu costume, quando ao levantar da cama, barbear-me no quarto de banho e trazer para a sala de jantar os polainetes que punha sôbre os sapatos depois de os ter limpado. Uma bela manhã e depois de ter almoçado, olhei para a cadeira onde geralmente os colocava e vi alí sómente um. Comecei a procurar dum lado para o outro, ajudado por minha esposa e filho, mas os três ficámos perplexos, pois que eu tinha a absoluta certeza de trazer para o andar debaixo os dois polainetes, e a esposa e filho afirmaram que efetivamente estavam em cima da cadeira.

Nova busca, pelos três, mas nada de encontrar o polainete.

Enfurecido, agarrei no outro e ia para o atirar ao lume do fogão da sala, quando meu filho me deteve de fazê-lo, exclamando: – Não faça isso. O papá tem o outro no seu pé direito!

Na segunda-feira seguinte fui como do costume à casa da Madame Bullock e o Feng transfigurou-se dizendo-me: — FRED! Não gosto dos polainetes! Deitaos fóra, e em seu lugar usa meias de lã no inverno! Satisfiz a vontade do Feng e felizmente até à data que deixei de ter dôres no tornozêlo do pé direito!

* * *

Encontrava-me um dia só em casa e tinha de, na manhã seguinte, levantar-me às seis horas para apanhar o combôio que me levaria até Bradford.

O meu relógio-pulseira encontrava-se no relojoeiro, e o despertador quando ao dar-lhe corda antes de deitar-me empenou e não havia meio de o fazer andar! Resignando-me com a sorte pedi aos meus amigos do Além e especialmente ao Feng para me acordarem à hora que desejava (seis da manhã) pois era de muita importância isso para não perder o combôio. Precisamente às seis horas, ouvi uma tremenda pancada no Despertador que me acordou e movi os ponteiros para as seis horas, e com grande surprêsa minha o despertador começou a trabalhar!

Ao saír de casa ás 7 horas menos 10 minutos, o despertador continuou andando e retifiquei pelo relógio dum dos vizinhos que a hora era exata.

* * *

Durante a última Guerra fui acompanhar uma pessoa de amizade à vizinha cidade de Stockport, e quando ao regressar a Manchester, as buzinas déram o sinál de alarme e aproximação dos aviões inimigos. O ônibus parou logo e os passageiros foram convidados a refugiar-se numa «Shelter» Pública. Ora eu como estava cançadissimo e tinha de me levantar muito cedo na manhã seguinte, resolvi-me a ir a pé no percurso de uns três quilometros. Mal tinha eu percorrido um quilometro, quando, subitamente, senti como que alguém a dar-me um empurrão e, completamente ás escuras, vi-me em frente duma «shelter» pública e dois homens conduzindo-me para dentro da dita. A uma pequena distância estavam as peças de artilharia deitando metralha contra os aviões passando por cima de nós e pedaços e estilhaços dos balázios caindo com frequência no telhado e ao redor da «shelter»! Alí me vi forçado a ficar até ás quatro horas da manhã! Tinha de estar na fábrica onde trabalhava ás 7 e meia. Fui a casa almoçar e segui para o trabalho fatigadissimo.

* * *

Doutra vez ao seguir para casa às onze horas da noite, esqueci-me de trazer comigo como de costume uma lanterna elétrica de bolso, para me ajudar pelas ruas, pois os candeeiros estavam todos eles apagados.

A noite era das mais escuras e o maldito nevoeiro obrigou-me a andar às apalpadelas! Esbarrei-me por diversas vezes contra os candeeiros e muros das casas e jardins, e não ouvi ninguém.

Conhecia muitissimo bem o percurso a fazer, mas mesmo assim me perdi. Ao chegar a uma esquina da Birch Lane formou-se subitamente uma nuvem em frente de mim que me obrigou a parar. Ouvi distintamente o motor dum automovel e percebi ser dum caminhão grande conduzindo mercadorias. O choque foi tal que me agarrei a um candeeiro exclamando: Valha-me Nosso Senhor! Não podia andar e assim permaneci por alguns minutos. Ouvi passos. Eram dum guarda noturno. Ao passar por mim perguntou-me para onde me dirigia. Ao darlhe a minha direção, sorriu-se e disse: Venha comigo pois eu vou em giro lá pela sua rua. Trazia a lanterna elétrica e naturalmente que me censurou por eu andar assim pela rua sem uma delas.

Não mencionei êste incidente a ninguém. Na segunda-feira seguinte, como do costume, fui a casa da Madame Bullock. No nosso santuário reunidos os membros do nosso Rainbow Harmony Circle, transfigurou-se o Feng falando-me assim: FRED! Não sejas parvo! Nunca deverás esquecer de trazer sempre contigo uma lanterna elétrica e leva sempre no teu bolso um bolbo e uma bateria sobresselentes!

Comecei a rir-me, assim como os presentes, mas o Feng contestou: Livraste-te de boas!

Depois daquêle incidente eu trouxe sempre a lanterna elétrica e os tais sobresselentes. Precisamente naquela noite quando ao saír para a minha casa e mal tinha eu andado uns cem passos quando se fundiu o bolbo e tive assim de substituí-lo!

* * *

Não só os incidentes acima mencionados, como muitos outros me convenceram de que fui protegido não só pelo Feng como por diversos espíritos amigos durante a Guerra, encontrando-me assim ainda vivo!

ESPIRITISMO NO BRASIL

Écos da 3.ª Semana Espírita de Nova Iguassú

realizada de 21 a 28 de Março de 1948

Vicente S. Néto

Desta vez, chegámos a Nova Iguassú com um pouco de atraso, visto termos de resolver, em S. Paulo, alguns assuntos de ordem comercial. Lá chegamos na quarta-feira da Quaresma, pela manhã. Pouco depois, agrupados, já rumavamos para o encontro com os caravaneiros, afim de dirigir-lhes nossas saudações cordiais.

Vamos aqui resumir o que de mais importante notámos nos «arraiais leopoldinos».

Primeiramente, ficamos surpresos com a figura da querida irmã D. Marilia que, apesar do transe terrivel por que passou ainda ha pouco, dirigiu a Noite da Mulher Espírita, comparecendo em todas as reuniões noturnas sem deixar de atender á direção do Lar. Exemplo belissimo de boa vontade.

Depois, o comparecimento de novos caravaneiros, inclusive do Rio Grande do Norte, Maranhão, etc., o que demonstra que os espíritas estão se fraternizando com mais rapidez, através do Espiritismo de Vivos.

Em seguida, integração de novos Juventinos, que receberam de seus paraninfos, o Livro da Vida—O Evangelho segundo o Espiritismo—em reunião em que as lagrimas se misturavam com as alegrias dos presentes. Uma noite inesquecível que nos emocionou profundamente.

Após o Almoço da Fraternidade no Lar de Jesus, tendo como complemento

a tarde festiva que redundou num êxito sem precedentes.

E, como corolário, ainda o seguinte : no sábado á tarde, a convite de membros do 1.º Congresso das Mocidades Espíritas do Brasil, dirijimo-nos para o Rio de Janeiro, onde, na Sociedade de Medicina e Espiritismo, assistimos a 10.ª Sessão Preparatória. Presentes à reunião, notámos as figuras de vários confrades, entre eles, os Drs. Carlos Imbassahy e Lins de Vasconcellos, jornalista Olivio Novais, Amadeu Santos, Prof. Nilton de Barros, Alves de Oliveira, J. B. Chagas, etc.

Tivemos que atender ao pedido da mesa, como representante da Revista e do O Clarim. externando em poucas palavras, as nossas impressões, considerando já vitorioso, o próximo Congresso, trabalho que dará às Mocidades Espíritas Organizadas e por se organizarem, um roteiro seguro em suas diretrizes futuras.

No domingo pela manhã, em onibus e caminhão, rumamos para Nilópolis, onde teria lugar a festividade do lançamento da pedra fundamental da futura Escola Amor e Obediência, do Centro Espírita «Caminhemos com Humildade», sob a supervisão do querido Julio Chiambarelli, ardoroso trabalhador da doutrina. Lá chegamos ás 8 horas, sendo recebidos ao som de hinos cantados pelas jovens da Confraternização do Ramal de Nova Iguassú. A Banda Musical «Lyra Fluminense», sob a regência do Maestro Djalma do Carmo, deu ao ambiente um realce encantador. Servido o café da amizade não só aos espíritas como também aos moradores da localidade, alí presentes, teve início um leilão americano pró-construção da Escola. Em seguida, ao som do Hino Nacional, ouvido em religioso silêncio, foi içada a Bandeira auri-verde, iniciando-se em seguida, a cerimônia principal. Uma das irmãs presentes, com profunda emoção, fez a prece ao Deus Universal. Sentiamos que algo nos envolvia, numa doce carícia espiritual. Sabiamos perfeitamente que fluidos de intensa vibração, o Alto espargia naquêle instante e que nos aclareavam os pensamentos como a nos advertirem das tremendas responsabilidades assumidas em éras pretéritas.

Através dos alto-falantes, instalados pela direção da Rádio Independência de Nilópolis, ouviram-se a seguir, Vereadores, Professores e Representante Oficial do Snr. Prefeito Municipal, inclusive o Deputado Estadual, Dr. Lucas Figueira, os quais discorreram brilhantemente. Pelos espíritas, falou o Prof. Leopoldo Machado sôbre o significado da educação através dos ensinos de Jesus, abordando assuntos relevantes para o País. Terminou sua oração dizendo que via alí presente, à frente daquele movimento, a figura do seu querido irmão e estimado amigo Julio Chiambarelli, digno seguidor dos preceitos cristãos. O irmão Julio, com as lágrimas a lhe correrem pelas faces, não poude retribuir sinão com abraços, a saudação do Leopoldo. Por último, a tarde de surprêsas evangélicas ainda no saguão do Lar de Jesus, e à noite, o encerramento, na séde do Fé, Esperança e Caridade.

Foram estes os acontecimentos de mais vulto que notamos nêsse importante certamen.

—

O ESPIRITISMO EM UBERABA

A FESTA DAS VIOLETAS

A 20 de Junho último, o Triangulo Mineiro agitou-se espiritualmente para marcar na história do futuro, uma página de invulgar beleza, visto como foi de intensa repercussão social, a «Festa das Violetas», realizada nêsse dia em Uberaba.

Si o objetivo financeiro foi compensador, não menos o foi, na parte de evangelização cristã. Atingindo os dois setores de modo feliz, estão de parabens os confrades Uberabenses.

Sob a direção de criaturas como : Dr. Inácio Ferreira, D. Maria Modesto e sua filha Eurithmia, srtas. Aurea e Zelia Cunha, Helia Borges, Clever Novaes e Emanuel Chaves, uma centena de jovens incansáveis e cheios de coragem e fibra, déram a crentes e profanos, uma tarde inesquecível.

Desde a ornamentação do «Centro Espírita Uberabense», até no que se refere ao programa apresentado, tudo correu maravilhosamente bem.

A renda do festival reverteu integralmente pró-LAR ESPÍRITA, uma obra que visitamos e que está em vias de agasalhar centenas de crianças desamparadas. Em breve, lá estaremos para assistir à sua inauguração. E então, nessa ocasião, poderemos cantar, como o poeta desconhecido, estas quadras :

Venha Jesus
Nos socorrer,
Dá-nos tua luz
Para viver.

Sempre contigo
A nos olhar,
Serás o amigo
Do nosso Lar.

A fortaleza
Dos pequeninos,
Será a pureza
Dos teus ensinos.

A' entrada do salão foi apresentada rica exposição de trabalhos manuais, muito elogiada. No início das festividades, ás 12,30 horas, o Exmo. Snr. Prefeito Municipal, Dr. Boulanger Pucci, acompanhado do Dr. Inácio Ferreira, visitou e apreciou imensamente o ambiente festivo, o mesmo acontecendo com o Exmo. Snr. Dr. Delegado de Polícia. A Camara Municipal, também fez-se representar pelo Exmo. Snr. Dr. Schimidt. Funcionários, bancários e outras pessôas de destaque, deram sua cooperação e adesão material.

Como vemos, a Festa das Violetas teve um cunho espiritual e artístico, raro nos anais da CIDADE MORENA do Triangulo Mineiro. A orquéstra sob a regencia do Maestro Elias, foi um dos grandes fatores da reunião. Mais de 20 artistas, cantores e humoristas brindaram a assistência com números cheios de encanto.

O «Ballet» das Violetas, composto de 5 jovens, deu a sua nota brilhante. Para as crianças houve a «Pesca das Surprêsas», com premios para todos.

Leilões, doces, refrescos, a par dos risos e alegrias, inundaram os presentes até o âmago de seus corações. A's 22 horas realizou-se, debaixo de intensa espectativa, a apuração da «Raínha das Violetas». Coube o título à gentil srtà. Zelia R. Cunha que, comovida, recebeu das mãos das Princezas e «Dames D'Honéur» uma linda recordação. As palmas estrugiram no recinto, ovacionando a todas as concorrentes. Em seguida, a Raínha e a Comissão fizeram as saudações pelo microfône.

A's 22,30, em meio da mais intensa vibração, os Diretores da casa pediram aos presentes se queriam terminar a festa, visto que, naquêle passo, terminaria pela madrugada do dia seguinte. Com os corações jubilósos todos atenderam ao pedido, dando por terminada a festa.

Fizeram-se representar, devidamente credenciados, a «Livraria Allan Kardec», «União da Mocidade Espírita de S. Paulo», «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim» de Matão, «Estudos Psiquicos», de Lisbôa—Portugal. Foi devéras um acontecimento marcante na história espiritual de Uberaba, do Triangulo Mineiro e do Brasil.

Aos espíritas de Uberaba e aos organizadores da «Festa das Violetas» os nossos parabens, com votos de crescente progresso espiritual.

Apêlo

Afim de organizar mais um trabalho em pról da Doutrina, apelo para os confrades amigos e, principalmente, para os diretores de organizações espíritas de todos os Estados para que me enviem com a *máxima urgência:*

Fotografias de crianças espíritas em aulas didáticas ou de trabalhos.

Fotografias dos prédios para escolas, Albergues noturnos, Hospitais, Lares Espíritas e Abrigos para crianças, Abrigos para a velhice desamparada.

Os meus sinceros agradecimentos por mais essa cooperação.

Dr. Inácio Ferreira.

Rua João Caetano, 10—Uberaba—Minas.

«O Reino»

Em Santiago, Rio Grande do Sul, acaba de aparecer, com o título supra, um mensário de propaganda evangélica, órgão do Grupo Espírita «Jesus», local.

Ao novo companheiro, votos de progresso e longa existência.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, alem dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro